

A Faculdade de Educação promoveu, no último dia 19, o lançamento das obras *Filosofia, Educação e Cidadania* e *Desafiando o Leviatã: sindicalismo no setor público*

Lançamento de livros na Faculdade de Educação

Esta obra, organizada pelo professor Adão José Peixoto, está dividida em duas partes: *Filosofia e Educação* e *Filosofia, Educação e Cidadania*. O primeiro texto da primeira parte, *Filosofia e Educação*, elaborado pelo professor Ildeu Moreira Coelho, traz a relação entre filosofia e educação. Segundo ele, "o trabalho da filosofia não consiste em trazer soluções e respostas, mas em pensar o existente, a experiência individual e coletiva, a prática. Há a necessidade de desenvolver a capacidade de ler e de entender os textos filosóficos e a própria realidade, de educar professores e alunos para o exercício da dúvida, da contestação, do pensamento, bem como de descobrir e de se indignar contra toda e qualquer forma de exclusão". Com efeito, continua Ildeu, "a filosofia da educação não deve ser confundida com o desenvolvimento e a revisão de teorias da educação, com a descrição dos processos pedagógicos a partir de um ponto de vista supostamente filosófico, nem com a explicação do caráter ideológico da educação. [...] a filosofia interroga e questiona a educação, as teorias e as práticas educacionais, as políticas educacionais, a relação da educação a uma questão técnica a ser decidida pelo tecnoburocratas do Estado, a compreensão propedêutica instrumentalista da escola e a consequente submissão desta ao mundo empresarial, ao mercado, aos ideais de eficácia e produtividade". Essas duas questões, elaboradas com rigor e racionalidade — característicos do autor —, constituem-se na questão central do texto.

O segundo texto. "A dificul-

dade da educação na sociedade do espetáculo", foi elaborado pelo professor Ged Guimarães, a partir do conceito da mercadoria de K. Marx. Segundo o professor, vivemos em uma sociedade em que quase tudo para ser aceito é tratado de forma espetacular, entre eles o próprio saber. Este, segundo o professor, "para ser comercializado tem de se apresentar, e se apresentar bem, como qualquer outra mercadoria. Em outras palavras, o saber como coisa, para ser rentável a seu possuidor, tem de ser posto à mostra". A escola como parte constitutiva dessa sociedade absorve esses princípios. Segundo o professor, é quando tudo em educação é tratado de forma espetacularmente gratificante: "aulas de física, ao violão; de história, narrada em quadrinhos; de geografia, com o uso de vídeos; de matemática, através de jogos; de literatura, com resumo em forma de módulos; de avaliação em forma de múltiplas escolhas". Tudo isso, segundo ele, seria fundamental para o processo de ensino, não fosse a adesão ao encantamento que esses recursos promovem em muitos professores, minimizando, para o aluno, o necessário ler, estudar, escrever e falar bem, com autonomia.

O terceiro texto é de Adão José Peixoto, organizador desta obra. O texto "Filosofia e educação: as contribuições de E. Mounier" completa a primeira parte do livro. O professor, no início de seu texto, destaca os aspectos que diferenciam Mounier dos pensadores identificados com o marxismo e o espiritualismo. Para ele, "Mounier se coloca contra essas duas saídas por entender que elas são parciais, reducionistas, não apreendem a



complexidade da crise[...] econômica e espiritual". A solução estaria na "... mudança das estruturas econômicas e dos valores sociais". É, portanto, uma questão central de educação. Embora Mounier não tenha tratado diretamente desse tema, o personalismo condena qualquer "formalismo autoritário", em favor da "criatividade e da

liberdade", princípios fundamentais para a formação do homem. Diz o prof. Adão: "Para o personalismo, a educação tem de ser expressão da vida. A escola que pretende oferecer uma educação emancipadora não pode ignorar essa realidade. O saber dissociado da realidade se transforma num saber abstrato, num mero formalismo que

anula a criação". O que quer o personalismo? Mounier responde: [...] que modifique a realidade exterior, que nos forme, que nos aproxime dos homens, que enriqueça o nosso universo de valores".

A segunda parte começa com o texto do prof. Sílvio Gallo, "Filosofia, educação e cidadania". Um texto precisamente didático. Afirma o professor, "em termos mais atuais e mais comuns, poderíamos dizer que a cidadania constitui-se em direitos (possibilidades) e deveres (necessidades). Ora, como somos seres sociais, há que se perguntar, observando tudo que sociedade já produziu, quais são as necessidades e quais são os direitos. Se há excluídos de direitos reais, há problemas com a cidadania. Portanto, como diz Gallo, "... somos cidadãos de fato apenas quando a conquistamos e construímos coletivamente, e se alguns estão aliçados dela, então ninguém é cidadão". A tarefa do indivíduo numa sociedade em que haja excluídos é, segundo Gallo, a de construir a cidadania. A filosofia, e particularmente a filosofia da educação, deve ter como princípio "... o aprendizado da construção de um pensamento próprio, fator determinante para a singularização e a formação do cidadão ativo. "Mas aqui - diz Gallo - a filosofia é necessariamente algo voltado para a vida, para o cotidiano, para pensar aquilo que nos incomoda diretamente, para fazer com que vivamos melhor".

O artigo do prof. Ralph Ings Bannell, "Pluralismo, identidade e razão: formação para a cidadania e filosofia política contemporânea", demonstra a problemática que há em relação ao entendimento do conceito emer-

gido do liberalismo, particularmente nos "...pressupostos individualistas e atomísticos, a prioridade do direito sobre o bem". O prof. Ralph sustenta "...a ideia de que as questões do Selph e da identidade cultural nos forçam a repensar não somente o que é cidadania, mas, também, qual a formação cultural necessária para seu pleno exercício". Ele recorre a pensadores alijados de comunitaristas que "...têm confrontado posições centrais por trás da visão liberal, assim como as tentativas de Habermas de superar ambas as

posições".

No último texto, a prof. Lillian de Aragão B. do Valle aborda "Modelos de cidadania e discursos sobre a educação". Destaca o caráter inseparável que deva ter os princípios de cidadania e educação. Que a educação tem um caráter político, os gregos já disseram. A questão é que a sociedade se encantou pela técnica e a "...construção histórica da escola pública acompanha o movimento de supervalorização da técnica, de progressiva reificação da esfera material de produção da vida humana, de naturalização e, mesmo, divinização

da lógica econômica a que nos tempos assistem." O que nos resta, enquanto educadores empenhados na transformação dessa lógica, é resgatar o princípio de correspondência que deve ter entre educação e cidadania. Como diz a prof. Lillian, "a descoberta do sentido político da educação corresponde ao aparecimento de uma escola que é pública, nessa acepção em que 'público' equivale a 'político'; a educação foi então encarregada de engendrar o cidadão, o polítes, mas também de instituir a própria polis."